

# A produção sobre história da alfabetização no Rio Grande do Sul:

as contribuições do grupo de pesquisa HISALES (FAE/UFPEL)

Eliane Peres

**Como citar:** PERES, E. A produção sobre história da alfabetização no Rio Grande do Sul: as contribuições do grupo de pesquisa HISALES (FAE/UFPEL). *In:* MORTATTI, M. R. L. (org.). **Alfabetização no Brasil:** uma história de sua história. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 243-264. DOI: <https://doi.org/10.36311/2011.978-85-7983-178-2.p243-264>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

## A PRODUÇÃO SOBRE HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL: AS CONTRIBUIÇÕES DO GRUPO DE PESQUISA HISALES (FAE/UFPEL)

*Eliane Peres*

### **INTRODUÇÃO: A GÊNESE DO GRUPO DE PESQUISA HISALES**

O História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (HISALES) é, ao mesmo tempo, um projeto de investigação integrado desenvolvido na Faculdade de Educação (FaE), da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), que abarca vários subprojetos de pesquisa, e um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq desde junho de 2006. O HISALES tem três temáticas de trabalho, conforme indica o próprio nome do grupo: o estudo da história da alfabetização, das práticas sociais de leitura e escrita, dos livros escolares<sup>1</sup>. Neste texto nos ocuparemos apenas da primeira.

Embora o HISALES tenha sido cadastrado como grupo de pesquisa no CNPq apenas em 2006, sua história HISALES remonta a meados dos anos 90 do século XX e está associada a minha trajetória como pesquisadora interessada, primeiramente, na história da escola primária. A dissertação de mestrado (PERES, 1995) denominada *Templo de Luz*: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1915) foi o primeiro estudo de “fôlego” relacionado à temática da escolarização primária. Especificamente, o trabalho abordou uma experiência de ensino primário para jovens e adultos na cidade de Pelotas/RS na virada do século XIX para o século XX.

No estudo sobre os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense, identifiquei a ampla utilização do livro *Método Hudson*, para o ensino da leitura. Começava, então, o interesse específico na pesquisa sobre a alfabetização escolar, seus métodos e materiais pedagógicos.

Na pesquisa mencionada, identifiquei que o *Método Hudson*, de autoria de Octaviano Hudson, foi distribuído às escolas públicas por ordem do então Ministro do

<sup>1</sup> Maiores informações sobre o grupo de pesquisa no site: <http://www.ufpel.edu.br/fae/hisales/>

Império, Leôncio de Carvalho, e utilizado em várias Províncias brasileiras, desde 1876, incluindo a do Rio Grande do Sul.

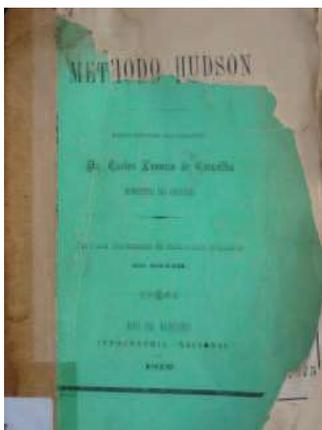


Figura 1 - Capa do livro *Método Hudson*, 1876

Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Pelotense

O “Método Hudson”, considerado “vantajoso e moderno”, caracterizava-se pela silabação, prevendo o estudo de sílabas isoladas, desde as consideradas mais simples até as mais complexas. Segundo Octaviano Hudson, o método de leitura por ele proposto e, posteriormente impresso em livro com o título de *Método Hudson*, centrava-se na repetição constante dos caracteres e dos sons. Ao todo, havia 13 lições, as quais previam uma gradação que se iniciava com a aprendizagem das letras, passando às sílabas e depois às palavras e frases. A apresentação desse livro e seu uso nos cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense foi um aspecto abordado na dissertação de mestrado mencionada.

Durante a realização da tese de doutorado (PERES, 2000), que tratou da institucionalização da escola graduada e do discurso renovador no Estado do Rio Grande do Sul, entre os anos de 1909 e 1959, a escola primária também se constitui o foco do estudo. Nesse caso, o “encontro” com duas produções didáticas para o ensino da leitura e da escrita, de duas professoras gaúchas, foi fundamental para o desenvolvimento de estudos posteriores. Trata-se das cartilhas *Queres Ler?*, de Olga Acauan Gayer, e *Quero Ler*, de Branca Diva Pereira de Souza. O primeiro estudo específico que fiz sobre a temática das cartilhas foi justamente sobre essas duas obras (PERES, 1999).



Figura 2 - Capas das cartilhas *Queres Ler?* e *Quero Ler*

Fonte: Acervo HISALES

Assim, atenta às questões da história da alfabetização, circunscrita aqui como a história do ensino escolar da leitura e da escrita, ingressei, em 2001, como professora no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da FaE/UFPel. Começava, então, o desenvolvimento de investigações especificamente no campo da história da alfabetização, que priorizavam os estudos de métodos e processos do ensino da leitura e da escrita e materiais didáticos, tanto para o caso do Rio Grande do Sul em geral, quanto para o caso do município de Pelotas, em específico.

Inicialmente três dissertações de mestrado foram defendidas no PPGE, cuja temática inseria-se no campo da história da alfabetização. Uma delas, sobre a trajetória de uma autora de livros didáticos — professora Nelly Cunha —, com ênfase na sua produção de livros para o ensino da leitura e da escrita (FACIN, 2008), e duas, sobre divulgação e utilização de métodos de alfabetização em Pelotas, sendo uma sobre o método global de contos (PORTO, 2005) e outra sobre o “Método da Abelhinha” (LAPUENTE, 2008)<sup>2</sup>.

Associadamente ao trabalho no PPGE, ainda em 2001, inseri-me em um projeto interinstitucional de investigação denominado *Cartilhas escolares: ideários, práticas pedagógicas e editoriais: a história da alfabetização e das cartilhas* (MG, RS, MT, 1870-

<sup>2</sup> Atualmente, há três dissertações de mestrado em andamento no PPGE sob minha orientação no campo da história da alfabetização: a mestranda Mara Denise Dietrich estuda a cartilha *Ler a Jato* e o *Método Audiofonográfico* de alfabetização da professora gaúcha Gilda de Freitas Tomatis (anos 60 do século XX); Gisele Ramos de Lima pesquisa o ensino da escrita em cadernos de planejamento diários de professoras alfabetizadoras; Chris de Azevedo Ramil analisa projetos editoriais em cartilhas gaúchas. Uma outra pesquisa, que abordou a história mais recente da alfabetização (2002-2009), há pouco foi concluída: trata-se do estudo de Darlise Nunes Ferreira sobre a alfabetização antes e depois da implantação do ensino fundamental de nove anos em Jaguarão/RS (FERREIRA, 2011). Duas teses de doutorado sob minha orientação estão em andamento e tratam de práticas e políticas de alfabetização: a de Gilceane Caetano Porto (alfabetização e formação de professoras) e a de Gabriela Medeiros Nogueira (alfabetização e ensino fundamental de nove anos em Pelotas).

1980)<sup>3</sup>, cujo objetivo central é analisar cartilhas, métodos de alfabetização e práticas de leituras e escritas escolares, com a perspectiva de reconstruir a história da alfabetização e da produção, circulação e utilização de cartilhas. Inicialmente, a investigação foi realizada em três estados brasileiros: Mato Grosso, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. De acordo com Frade e Maciel (2006), a pesquisa conjunta apresenta algumas vantagens, como, por exemplo, a possibilidade do mapeamento e da constituição de acervos, a evidência de contrastes e semelhanças no ensino da leitura e da escrita, a circulação de livros e práticas em diferentes regiões do país, como uma forma de socializar e integrar dados, dando-lhes maior visibilidade e possibilidade de problematização.

Desse projeto interinstitucional resultaram algumas importantes produções que têm contribuído com o desenvolvimento e o impulso dos estudos históricos no campo da alfabetização (PERES; TAMBARA, 2003; FRADE; MACIEL, 2006; SCHWARTZ; PERES; FRADE, 2010).

Essa inserção, tanto no projeto de pesquisa quanto no PPGE, e a produção daí decorrente, resultaria, em 2006, na criação grupo de pesquisa HISALES que atualmente reúne alunos de graduação e de pós-graduação — mestrandos e doutorandos do PPGE da FaE/UFPel. Três eixos são privilegiados nas investigações do grupo de pesquisa: i) estudos sobre história alfabetização; ii) pesquisas sobre práticas escolares e não escolares de leitura e escrita (práticas de letramentos); iii) análise da produção, circulação e utilização de livros escolares produzidos no Rio Grande do Sul, especialmente entre os anos de 1940 e o final de 1970 (período da influência do Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais (CPOE) - SEC/RS na produção didática gaúcha).

No primeiro eixo — que aqui interessa e está sendo abordado mais especificamente — as seguintes temáticas de pesquisa são privilegiadas:

- I. produção e circulação de cartilhas e de métodos e propostas de alfabetização no Rio Grande do Sul;
- II. trajetórias e biografias de professoras alfabetizadoras e de autoras gaúchas de cartilhas;
- III. memórias de alfabetização;
- IV. alfabetização através de cadernos escolares de crianças em fase de alfabetização e de cadernos de planejamento de professoras alfabetizadoras;
- V. políticas e práticas de alfabetização (com ênfase na alfabetização no ensino fundamental de nove anos).

---

<sup>3</sup> Na fase inicial desse projeto a equipe estava assim composta: Isabel Cristina Alves da Silva Frade e Francisca Izabel Pereira Maciel, ambas vinculadas à Universidade Federal de Minas Gerias; Lázara Nanci de Barros Amâncio e Cancionila Janzkovski Cardoso, da Universidade Federal de Mato Grosso; Eliane Peres, da UFPel.

Como trabalho coletivo e colaborativo — uma espécie de “momento inaugural” do grupo de pesquisa HISALES, em 2006 —, desenvolvemos um projeto denominado “Memórias de alfabetização”, cujo objetivo principal foi justamente a reconstrução da memória de alfabetização de diferentes sujeitos. Com isso, nosso intuito foi dar visibilidade a processos de alfabetização de pessoas que hoje estão em “evidência” no campo educacional, cultural, político, religioso ou artístico, em âmbito local, regional e nacional. No total, foram 18 pessoas entrevistadas, e em todas as situações a abordagem foi a mesma: lançamos aos/às entrevistados/as uma única questão como “evocador da memória”: “Onde, quando e como você foi alfabetizado?”. Os resultados dessa pesquisa foram publicados em um livro com o mesmo título do projeto de investigação (PERES, 2007).

Desde então, temos feito um esforço tanto na produção acadêmica, no intuito de contribuir com o campo específico de investigação, quanto na constituição de acervos a fim de preservar a memória da alfabetização do Rio Grande do Sul. Com o trabalho que se iniciou em 2001, com o referido projeto interinstitucional de pesquisa, temos priorizado a constituição de um acervo de cartilhas (hoje, livros de alfabetização), cadernos de crianças em fase de alfabetização, cadernos de planejamento diário de professoras alfabetizadoras e atividades ou materiais didáticos (cartazes, folhas fotocopiadas com atividades de alunos, exercícios, dentre outros). É desse acervo que trato a seguir, bem como das possibilidades e limites do trato dessas fontes documentais que reunimos no grupo de pesquisa e que hoje constituem nosso “patrimônio” para a pesquisa em história da alfabetização.

#### **A CONSTITUIÇÃO DE ACERVOS E O TRABALHO COM OS DOCUMENTOS NO CAMPO DA HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO: OS SUBSÍDIOS DO GRUPO DE PESQUISA HISALES**

Como vários autores já indicaram, os estudos históricos da alfabetização são um fenômeno recente na produção acadêmica brasileira (SOARES; MACIEL, 2000; MACIEL, 2003; SOARES, 2006). Assim como tantos outros novos objetos, percebemos recentemente que a alfabetização também tem uma história. Reconhecer que o ensino escolar da leitura e da escrita, seus métodos, processos, paradigmas, materiais didáticos, têm uma história significou a possibilidade de constituir uma importante e promissora área de pesquisa que tem produzido trabalhos que apresentam e analisam esse fenômeno historicamente, o qual é, pela sua natureza, complexo, multifacetado e plural. As variações do ensino da leitura e da escrita na escola e as polêmicas em torno disso têm-se constituído o foco de estudos do campo da história da alfabetização no Brasil, em trabalhos que abordam os métodos e processos de ensino, os materiais didáticos, os objetos escolares e os sujeitos envolvidos. A isso equivale dizer que a escolarização da alfabetização tem sido o foco principal dos estudos brasileiros nessa área.

Na constituição do campo da história da alfabetização há, também, o reconhecimento de que “[...] quanto mais problemática é a área no presente, mais se busca recuperar o passado, na tentativa de encontrar, no caminho já trilhado, pegadas que expliquem o presente e assim orientem a solução de problemas e o avanço em direção ao futuro” (SOARES, 2006, p. 7). Ao refletir sobre a relação presente-passado Le Goff (1996, p. 25) argumenta que a função social da história é organizar o passado em função do presente e reconhece que “[...] à relação essencial presente passado devemos pois acrescentar o horizonte do futuro”. Para o autor, “[...] o passado é uma construção e um reinterpretação constante e tem um futuro que é parte integrante e significativa da história” (LE GOFF, 1996, p. 24). Além disso, Le Goff (1996, p. 24) argumenta que, se o passado tem existência na sua relação com o presente, “[...] é inútil acreditar num passado independente daquele que o historiador constrói”. Essas reflexões têm subsidiado nosso grupo de pesquisa para pensar o fazer historiográfico, especialmente o de pensar a alfabetização na sua dimensão histórica.

Reconhecemos, também, que o campo de investigação da história da alfabetização insere-se nos estudos sobre os “fazeres ordinários de classe” (CHARTIER, A.-M., 2000). Construir o estatuto epistemológico e científico da pesquisa que se ocupa desses “fazeres ordinários de classe” não é tarefa fácil. Buscar subsídios teóricos e metodológicos que sustentem essas investigações tem sido um esforço na direção de fortalecer o campo em questão. A vinculação dos estudos da história da alfabetização com a história cultural (CHARTIER, R., 1990) é um exemplo desse esforço. Além disso, é preciso considerar que a história da alfabetização no Brasil vincula-se diretamente à História da Educação, área de pesquisa que, nos últimos anos, tem construído densos referenciais teórico-metodológicos e acumulado uma produção significativa pautada em novas abordagens, novos objetos e novas fontes (LE GOFF; NORA, 1995a; 1995b; 1995 c).

Em nosso caso, temos procurado constituir acervos para uma história da alfabetização no Estado do Rio Grande do Sul. Contudo, não é suficiente o acúmulo de fontes documentais; sabemos que o mais importante é saber interrogá-las adequadamente. Nessa direção, comungamos da ideia que documento “[...] não é um material bruto, objetivo e inocente, mas que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é monumento” (LE GOFF, 1996, p. 10). A relação entre história e documento está na base de nossas reflexões, uma vez que entendemos que:

[...] a história é conhecimento mediante documentos. Desse modo, a narração histórica situa-se para além de todos os documentos, já que nenhum deles pode ser o próprio evento; ela não é um documentário em fotomontagem e não mostra o passado vivo “como se você estivesse lá”; retomando a útil distinção de G. Genette, ela é *diegesis* e não *mimesis*. (VEYNE, 1982, p. 12).

As reflexões de Marrou (1975) acerca da matéria prima dos historiadores — os documentos —, também tem subsidiado nosso grupo de pesquisa:

A história é “o que foi activo”, esse passado que foi vivido, realmente, por homens de carne e sangue nesta terra concreta – mas na medida em que nós o conhecemos. E só o podemos conhecer se legou documentos. Ora, como a existência e a conservação dos documentos se devem ao jogo de um conjunto de forças que não foram ordenadas em vista das exigências de um historiador eventual [...], resulta daí nunca sabermos desse passado tudo o que ele foi, nem mesmo tudo o que somos capazes de desejar saber dele [...]. (MARROU, 1975, p. 62).

Portanto, trabalhamos na perspectiva da desmistificação do documento e no alargamento desse conceito, perspectiva amplamente discutida há muito na História, em especial com o advento da chamada “Nova História” (LE GOFF; NORA, 1995a; 1995b; 1995c; CHARTIER, R., 1990).

É novamente em Marrou que vamos encontrar sustentação para esse debate. Diz o autor:

É um documento toda a fonte de informação de que o espírito do historiador sabe tirar qualquer coisa para o conhecimento do passado humano, encarando sob o ângulo da pergunta que lhe foi feita. É evidente que se torna impossível dizer onde começa e onde acaba o documento; a pouco e pouco, a noção dilata-se e acaba por abarcar textos, monumentos, observações de toda a ordem. (MARROU, 1975, p. 69).

Assim, para o autor, “[...] tudo o que, na herança subsistente do passado, pode ser interpretado como um índice revelando qualquer coisa da presença, da actividade, dos sentimentos, da mentalidade do homem de outrora, entrará na nossa documentação”. (MARROU, 1975, p. 70). Alia-se a essa ideia a célebre frase de Lucien Febvre, de 1949, de que a história se faz “[...] com tudo o que, sendo próprio do homem, dele depende, lhe serve, o exprime, torna significativa a sua presença, atividade, gosto e maneiras de ser” (FEBVRE, 1949 apud LE GOFF, 1996, p. 107).

Contudo, entendemos que não basta “importar” essas ideias e tomá-las de forma abstrata, fazendo disso uma “profissão de fé”. Não podemos fazer uma adesão ingênua e simplista desses pressupostos. Uma das questões centrais no grupo de pesquisa tem sido discutir como esses constructos teóricos e metodológicos da História do último século podem contribuir para o fazer historiográfico no campo específico da alfabetização. Nesse sentido, temos refletido: o que é, tem sido e poderá vir a ser a história da alfabetização no Brasil? A partir de quais pressupostos é possível construí-la? Quais questões são adequadas e pertinentes de serem levantadas nos documentos disponíveis? E mais precisamente: com quais fontes documentais podemos fazer a história da alfabetização?

A problematização dessas questões nos levou a constituir um acervo específico. Sem desconsiderar aquilo que caracterizamos como “documentação oficial”

(programas de ensino, atas, relatórios, circulares, dentre outros) e inspirados em autores como Marrou (1975), Le Goff (1996) e especialmente Febvre (1949 apud LE GOFF, 1996), temos considerado que a história da alfabetização se faz com tudo que sendo própria dela, lembre-a, exprima-a, problematize-a, ou seja, tudo o que dela subsiste. Assim, com esse entendimento, trabalhamos com fontes documentais escritas, orais, iconográficas e materiais (presente, por exemplo, no estudo de Lapuente, 2008). Isso sem esquecer que na conservação desses documentos há o “jogo de um conjunto de forças” (MARROU, 1975) sociais, políticas, econômicas, institucionais, pessoais que fizeram com que esses documentos subsistissem.

Nesse sentido, operamos com a ideia do “documento-monumento”, entendendo que “[...] o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade, quer pelos que se dedicam à ciência do passado e do tempo que passa, os historiadores” (LE GOFF, 1996, p. 535). Assim, ao optar por constituir acervos de cartilhas, cadernos de alunos e de professoras, cartazes, folhas de atividades para alunos mimeografadas ou fotocopiadas, entre outras coisas, entendemos que também contribuimos na construção dessa “monumentalidade”.

Entendemos, assim, que com esses “documentos-monumentos”, “[...] não podemos alcançar o passado directamente, mas só através dos traços, inteligíveis para nós, que deixou atrás dele, na medida em que estes traços subsistiram, em que nós os encontramos e em que somos capazes de os interpretar” (MARROU, 1975, p. 61). Sobre isso também nos alerta Paul Veyne, ou seja, a noção de que o passado não é “[...] apreendido de uma maneira direta e completa, mas, sempre, incompleta e literalmente, por documentos ou testemunhos, ou seja, *tekmeria*, por indícios” (VEYNE, 1982, p. 12).

Assim, temos procurado fazer história da alfabetização: cientes de que não é possível “saber tudo sobre o passado”, descrever “tal qual tudo aconteceu”, mas a fizemos com uma atitude vigilante, entendendo que é possível apenas identificar vestígios do passado da alfabetização na direção de compreender os *modos de fazer* e os *modos de dizer, ordenar, classificar e hierarquizar*, ou seja, as práticas e as representações da alfabetização (CHARTIER, R., 1990; DE CERTEAU, 1994), na esteira do paradigma indiciário, entendendo que o “[...] conhecimento histórico é indireto, indiciário, conjectural” (GINZBURG, 2007, p. 157).

Trata-se de compreender que o uso de cadernos, cartilhas, exercícios, cartazes, manuais pedagógicos para a pesquisa em história da alfabetização pauta-se em uma “[...] proposta de um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre dados marginais, considerados reveladores” (GINZBURG, 2007, p. 149). Pelo “paradigma indiciário”, é possível, segundo Ginzburg (2007, p. 154), entrever “[...] o gesto talvez mais antigo da história intelectual do gênero humano: o do caçador agachado na lama, que escruta as

pistas das presas”. Assim, sinais, pistas, traços, indícios mínimos são “[...] assumidos como reveladores de fenômenos mais gerais” (GINZBURG, 2007, p. 178). Adotar uma postura teórico-metodológica nessa direção é esquivar-se da ideia de uma história totalizante, *verdadeira*, e voltar-se para a importância das minúsculas e fragmentadas práticas cotidianas reveladoras das “[...] operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram seu funcionamento por uma multiplicidade de ‘táticas’ articuladas sobre os ‘detalhes’ do cotidiano” (DE CERTEAU, 1994, p. 41).

Em razão disso, temos investido coletivamente na constituição de quatro acervos: 1) de cartilhas; 2) de cadernos de alunos; 3) de cadernos de planejamento de professoras alfabetizadoras; 4) de atividades, exercícios, cartazes e jogos de alfabetização. Esse último é, ainda, o mais inicial e incipiente.

Em relação às cartilhas/livros de alfabetização, atualmente, há 297 livros no acervo, em construção desde 2001, ligado ao projeto interinstitucional<sup>4</sup>. Desse conjunto, têm-nos interessado sobremaneira as cartilhas produzidas no Rio Grande do Sul (ver anexo). Consideramos “produção gaúcha” aquela em que identificamos o autor ou a autora como sendo gaúcho, tendo o livro sido publicado, ou não, por editora do Rio Grande do Sul. Essas cartilhas (em alguns momentos chamados de “pré-livros” ou simplesmente identificados com “1ª série”) totalizam 24, e identificá-las na sua rede de relações ou no circuito da comunicação (DARNTON, 1990) da qual fazem parte constitui um resultado significativo de nossas pesquisas nos últimos anos. Sobre algumas dessas cartilhas, no que tange à produção, à circulação, aos projetos pedagógicos e editoriais, as autoras e aos métodos propugnados, já realizamos alguns estudos (PERES, 2006a; PERES, 2008a; PERES; DIETRICH, 2010).

O mais significativo neste aspecto é que identificamos que, no Rio Grande do Sul, desde o início do século XX, foram produzidos livros para o ensino da leitura e da escrita. Nesse contexto, é preciso considerar a importância das editoras locais, Tabajara, Selbach, Globo, Rotermund, entre outras, que foram responsáveis pela publicação de muitas obras didáticas no Estado.

Contudo, a pesquisa indica que, a partir dos anos 50 do século XX, outro órgão foi responsável pelo fomento da produção didática no Rio Grande do Sul: o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais (CPOE), criado em 1943 e ligado à Secretaria de Estado da Cultura/RS.

A produção, a análise, a indicação, a divulgação e o controle de materiais de leitura em geral e de livros didáticos em especial estiveram no cerne da política do CPOE. As listas de livros didáticos recomendados pelo CPOE eram enviadas anualmente aos estabelecimentos escolares, em forma de Comunicado - estratégia mais comum adotada

---

<sup>4</sup> Atualmente trabalham na organização e manutenção desse acervo as seguintes alunas do curso de graduação em Pedagogia: Josiane Cruz Moncks (Bolsista FAPERGS) e Fernanda Noguez Vieira (Bolsista CNPq).

pelo Centro para fazer chegarem até as escolas decisões, pareceres, regulamentos, determinações, orientações, prescrições, dentre outros documentos oficiais. Além disso, algumas técnicas e orientadoras educacionais do CPOE tornaram-se, a partir da década de 50, as mais importantes autoras de livros didáticos do Estado do Rio Grande do Sul. Nesse período, esse Estado destaca-se pela produção de um conjunto significativo de livros didáticos para todas as séries e disciplinas da escola primária<sup>5</sup>.

Os livros produzidos nesse período e sob essa política oficial têm sido nosso principal foco de interesse, especialmente pelas relações que essa produção didática supõe (autoras-editoras-órgãos públicos-escolas etc). Relacionadamente a isso, Batista (1999, p. 554) chama a atenção para o fato de os livros didáticos e as

[...] diversidades de suas características materiais, discursivas e estruturais decorrem, fundamentalmente, do complexo inter-relacionamento de pelo menos três grandes conjuntos de condições: aquelas ligadas a (i) fatores de ordem econômica e tecnológica, (ii) de ordem educacional e pedagógica e (iii) de ordem social e política.

Nessa direção, também, a proposição do circuito da comunicação de Robert Darnton (1990) auxilia na compreensão dessa intrincada relação que se estabelece em torno da produção, circulação e uso do livro didático.

Já nos ocupamos, de forma especial, da produção didática em geral e das cartilhas/pré-livros de alfabetização de duas autoras gaúchas: Cecy Cordeiro Thofehr e Nelly Cunha, ambas professoras primárias, com atuação junto ao CPOE desde os anos 50 do século XX e com uma significativa produção didática, publicadas pelas editoras Globo e do Brasil (PERES, 2006b; FACIN, 2008; PERES; FACIN, 2010).

Para o estudo das cartilhas — por excelência livro didático para o ensino da leitura e da escrita — temos usado as contribuições de Roger Chartier (1996, 2000) no que tange à relação entre texto e suporte, uma vez que o autor demonstra que a forma ordena os sentidos, permitindo entender “[...] os procedimentos de produção de textos de um lado, e os de produção de livros do outro” (CHARTIER, R., 1996, p. 95). A ideia de que o suporte físico força as atitudes do leitor e suas práticas intelectuais (CHARTIER, R., 2000) ajuda a problematizar os ordenamentos do livro didático em relação aos seus usuários, no caso de nossos estudos, livros produzidos com a finalidade específica de inserir novos leitores na cultura escrita.

Na direção proposta por Roger Chartier, nos perguntamos em que medida não apenas os dispositivos pedagógicos das cartilhas, mas fundamentalmente os dispositivos gráficos ordenam modos de ler e de ensinar a ler. Trata-se de entender

---

<sup>5</sup> No eixo 3 de estudos do grupo de pesquisa HISALES - livros didáticos - já identificamos 22 coleções produzidas por autoras gaúchas, praticamente todas elas ligadas ao CPOE. A tese de doutorado de Antonio Maurício Medeiros Alves está enfocando a produção didática de Cecy Cordeiro Thofehr, em especial a Matemática Moderna, presente nas coleções por ela produzidas.

como projetos editoriais engendram representações de aprender e de ensinar a ler; como se inscrevem no próprio suporte os modos e os sentidos do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita na escola, relacionados aos sujeitos neles envolvidos — alunos e professores, em um dado momento histórico. No Brasil, os estudos realizados por Isabel Frade (2010a, 2010b) têm adotado essa perspectiva de análise, a do estudo da articulação entre os aspectos gráficos-editoriais e aspectos pedagógicos em cartilhas escolares, e tem contribuído significativamente nas reflexões sobre a necessidade e as possibilidades de análise desses aspectos conjuntamente.

Utilizamos, ainda, como referencial, os estudos já clássicos de Alain Choppin, pelas suas incontestáveis contribuições para os estudos dos livros didáticos. Igualmente nos apoiamos na produção de pesquisadores brasileiros como, por exemplo, Batista (1999); Munakata (1999); Galvão; Batista (2003); Frade (2010a, 2010b).

Aprendemos com as considerações de Choppin (2002, p. 22) sobre a complexidade da análise dos manuais escolares principalmente em razão de que eles assumem “[...] funções múltiplas (e, com o passar do tempo, são mais e mais numerosas) junto aos diversos destinatários (alunos, professores, famílias) cujas expectativas variam segundo os momentos (professor preparando sozinho o seu curso, professor lecionando, etc)”.

Choppin (2002, p. 21) também ajuda a entender que a produção dos livros escolares “[...] não é ‘puro ato pedagógico’; constitui um compromisso entre preocupações e imperativos de natureza diversa, didática e pedagógica, certamente, mas também técnica, financeira, estética, comercial”.

Além disso, são também de Choppin as lições acerca das dificuldades e dos limites do estudo dos livros escolares, mostrando os problemas na pesquisa nessa área que se estendem desde a localização, a conservação, as condições materiais do objeto livro escolar até as fragilidades teóricas e metodológicas desses estudos. A necessidade de não naturalizar, mesmo a denominação e a conceituação de livro didático, e de não tomá-lo de forma ahistórica e descontextualizada, fora das normas e das prescrições pedagógicas, bem como dos discursos sociais e das condições materiais de uma determinada época, são advertências recorrentes na obra de Alain Choppin (2002, 2004, 2008, 2009), e que temos procurado observar em nossos estudos quando nos ocupamos das cartilhas para o ensino da leitura e da escrita.

Em relação aos cadernos de alunos, o acervo compõe-se, atualmente, de 119 cadernos de crianças em fase de alfabetização. Para o estudo desses cadernos temos utilizado do aporte de trabalho de Silvina Gvirtz (1999), Jean Hébrard (2001), Anne-Marie Chartier (2002, 2007), Antonio Viñao (2008), Ana Chrystina Mignot (2008).

Como afirmou Anne-Marie Chartier (2007, p. 23), considerando que o caderno escolar é, ao mesmo tempo, uma fonte (ou objeto) de investigação “[...] fascinante e

enigmática, difícil de tratar e de interpretar, justamente por sua aparente banalidade”, temos tentado extrair do material, de forma articulada e comparativa, alguns elementos de análise.

Observando que Gvirtz (1999, p. 29) indica que “[...] el cuaderno de clase es uno de los pocos elementos de la práctica escolar que ha sufrido un significativo proceso de naturalización”, procuramos analisar esse “suporte da escrita”, como denomina Hébrard (2001), ou “dispositivo escritural”, como caracteriza Chartier, A.-M. (2002), ou, ainda, “objeto-memória”, conforme Mignot (2008), na perspectiva de “desnaturalizá-lo e problematizá-lo. Trabalhamos também na perspectiva de Viñao (2008, p. 16), que entende os cadernos como uma produção infantil, um espaço gráfico e um produto da cultura escolar. Viñao (2008, p. 17) argumenta que os cadernos escolares “[...] constituem a fonte mais idônea, caso exista, para o estudo do ensino, da aprendizagem e dos usos escolares da língua escrita, ou seja, da alfabetização escolar e da difusão, nesse âmbito, da cultura escrita”.

O estudo de Gvirtz (1999) destaca a relevância do uso do caderno como fonte privilegiada do registro do ensino e aprendizagem escolar. O caderno não é mero suporte físico, pelo contrário, é um dispositivo que gera efeitos na dinâmica da sala de aula através da interação dos alunos e professores na realização da tarefa escolar, além de um instrumento fortemente normatizado e ritualizado, que contempla em sua estrutura o ensinado, o conhecimento do aluno e a sua avaliação (GVIRTZ, 1999).

Para um estudo longitudinal do ensino da leitura e da escrita, temos procurado, inicialmente, organizar o acervo de cadernos de alunos primeiramente por década e, para cada década, por anos disponíveis. Logo que o caderno é recebido, essa classificação é realizada, e o dado é registrado na tabela correspondente à década e ao ano com um número específico (por exemplo: “Década de 1950; Ano: 1958; C1”). Esse procedimento permite, entre outras coisas, a percepção longitudinal da manutenção e da possibilidade de obtenção, para fins de pesquisa, desse objeto de caráter tão ordinário da cultura escolar. Contudo, esse objeto prosaico do cotidiano escolar, comum a todas as pessoas que passaram pela escola, é dificilmente preservado e guardado. Obter e organizar um acervo dessa natureza já é, por si só, um árduo esforço de pesquisa, porém não suficiente para o propósito que temos, ou seja, construir referenciais para uma história da alfabetização. Nessa direção, temos observado também que “[...] quem reflete sobre as aprendizagens escolares não pode abstraí-las totalmente das condições ‘materiais’ de sua realização” (CHARTIER, A.-M., 2007, p. 45).

Considerando-se as décadas, o acervo de 119 cadernos é assim constituído: 1940 - 02 cadernos; 1950 - 01 caderno; 1960 - 01 caderno; 1970 - 08 cadernos; 1980 - 11 cadernos; 1990 - 22 cadernos; 2000 - 72 cadernos; sem datas especificadas - 02 cadernos. Em relação à série ou ano escolar, os 119 cadernos são assim distribuídos: 09 são de Pré-escola (em que há atividades de ensino sistemático da leitura e escrita); 86, de 1ª série; 07,

de 1º ano do ensino fundamental de nove anos; e em 17 cadernos não há a identificação de série, contudo as atividades referem-se ao ensino e aprendizagem inicial da língua materna.

Depois desse procedimento de classificação e incorporação do caderno ao acervo, iniciamos a descrição de cada um deles, em uma Ficha Descritiva, elaborada especificamente para a pesquisa. A ficha contém 25 campos, os quais englobam desde a descrição da materialidade até a identificação do método de alfabetização utilizado. Esse último campo tem sido o mais difícil e é o que demanda mais tempo de discussão e trabalho para fins de preenchimento, uma vez que esse dado não é explícito<sup>6</sup>.

Esse acervo e essa organização já nos permitiram desenvolver estudos diferenciados desse suporte, ou seja, já colocamos diferentes questões para essa mesma fonte documental. Estudamos a questão: das marcas da infância nesse suporte (PERES, 2008b); do ditado, atividade recorrente nos cadernos em todas as décadas (PERES; BARUM, 2008); dos indícios das concepções e práticas de alfabetização (PORTO; PERES, 2009; PERES, 2010a); dos “registros marginais”, ou seja, dos sinais, desenhos, marcas extraescolares presentes nesses cadernos (PERES, 2010b).

Em relação aos cadernos de planejamentos diários de professoras alfabetizadoras (1ª série), totalizamos 51 até o momento, assim distribuídos: 02 são da década de 70; 11, da década de 80; 15, da década de 90; 21, dos anos 2000, e em 02 cadernos não há informação de data. Do total desses cadernos de professoras, dois são de planejamento de aulas para turmas de Educação de Jovens e Adultos. Esclarecemos que se trata de cadernos de planejamentos manuscritos das professoras e feitos previamente às aulas, nos quais são registradas as atividades, os exercícios e as ações que serão realizadas na aula com os alunos. Trata-se de cadernos do tipo grande (20 x 27 cm), de espiral, de capa dura e que, via de regra, revelam um “*habitus* pedagógico”: são coloridos, com adesivos, recortes e desenhos feitos pelas próprias professoras. No Rio Grande do Sul convencionou-se chamar esses cadernos de *diários de classe*.

Do ponto de vista do tratamento metodológico, temos tido o mesmo procedimento daquele adotado com os cadernos dos alunos: localização, incorporação no acervo por décadas, preenchimento da Ficha Descritiva. O primeiro estudo usando esse material em seu conjunto está em andamento. Trata-se de uma dissertação de mestrado cuja temática é o ensino da escrita na 1ª série revelado nesses cadernos (anos de 1970-2000) (LIMA, 2011). Contudo, os cadernos de planejamento de professoras já foram usados em outros estudos com temáticas específicas e no cruzamento com outras fontes de pesquisa (PORTO, 2005; LAPUENTE, 2008).

Esse tem sido em linhas gerais o trabalho que temos desenvolvido no grupo de pesquisa HISALES e essas são nossas contribuições possíveis ao campo da história da alfabetização.

<sup>6</sup> Trabalho realizado pela bolsista de IC/CNPq, Sylvia Tavares Barum (Pedagogia/FaE/UFPel).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS: LIMITES E LACUNAS NA PESQUISA EM HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO

Desde 2001 temos trabalhado de forma sistemática com a pesquisa em história da alfabetização na perspectiva teórico-metodológica exposta neste texto. Sabemos, contudo, que ainda há lacunas nesse campo de estudos e necessidades que precisam ser observadas para a consolidação dessa área para o caso do Rio Grande do Sul.

Com o cadastramento do HISALES como grupo de pesquisa em 2006, no CNPq, estabelecemos, no que tange à história da alfabetização, os seguintes objetivos para serem alcançados: 1) analisar a produção e a circulação de cartilhas de alfabetização no Estado do Rio Grande do Sul; 2) identificar os pressupostos do ensino da leitura e da escrita em diferentes momentos da história da escola primária gaúcha; 3) compreender as estratégias de divulgação de métodos e propostas de alfabetização no Estado, em especial, em Pelotas; 4) analisar políticas de alfabetização e práticas alfabetizadoras; 5) identificar materiais de alfabetização produzidos por professoras; 6) estudar memórias e trajetórias de professoras-alfabetizadoras. Boa parte desse programa de pesquisa tem sido, pouco a pouco, cumprido. Mas há, ainda, muito a ser feito.

Nessa direção, entendemos que do material que dispomos no grupo de pesquisa — cadernos, cartilhas, atividades de alunos — precisamos ainda, pelo menos:

1. estudar mais e melhor a relação entre os suportes, os projetos editoriais/gráficos e os projetos pedagógicos dos livros produzidos no RS;
2. compreender melhor as trajetórias das autoras gaúchas de livros para o ensino da leitura e escrita e suas relações com as editoras;
3. entender e aprofundar a relação entre as autoras gaúchas e outras autoras e instituições dentro e fora do Rio Grande do Sul e do país;
4. desenvolver metodologias de análise dos cadernos escolares, tanto de alunos como de professoras.

Consideramos, também, que há ainda algumas lacunas nos estudos sobre história da alfabetização no Rio Grande do Sul, que merecem ser observadas. Indicando apenas algumas, avaliamos que ainda precisamos desenvolver:

1. estudos mais sistemáticos sobre o ensino da leitura e da escrita no século XIX;
2. pesquisas sobre a relação das editoras gaúchas (Tabajara, Selbach, Globo, Rotermund) e das autoras de cartilhas;
3. investigações sobre as experiências de alfabetização de jovens e adultos no Estado gaúcho.

Isso indica a necessidade de considerar a constituição desse campo de pesquisa na perspectiva de um projeto coletivo e longínquo. Estimulamos jovens pesquisadores e pesquisadoras a se somarem a nós para a constituição e o fortalecimento da área da

história da alfabetização. Aos que se juntarem a nós, uma estimulante observação: essa não será, certamente, uma tarefa difícil, especialmente porque fazer história “[...] é uma forma de atividade simultaneamente poética, científica e filosófica” (LE GOFF, 1996, p. 37). Fazer história da alfabetização não é diferente.

#### REFERÊNCIAS

- ALVES, Antonio Maurício Medeiros. *O movimento da Matemática Moderna e a produção de livros didáticos no RS*. 2011. 134 f. Projeto de Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.
- BATISTA, Antonio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras: ALB; São Paulo: FAPESP, 1999. p. 529-575.
- CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- \_\_\_\_\_. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 77-106.
- \_\_\_\_\_. As revoluções da leitura no Ocidente. In: ABREU, Márcia. (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras: ALB; São Paulo: FAPESP, 2000. p. 19-32.
- CHARTIER, Anne-Marie. Fazeres ordinários da classe: uma aposta para a pesquisa e para a formação 2000. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 157-168, jul./dez. 2000.
- \_\_\_\_\_. Um dispositivo sem autor: cadernos e fichários na escola primária. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 3, p. 9-26, jan./jun. 2002.
- \_\_\_\_\_. Exercícios escritos e cadernos de alunos: reflexões sobre práticas de longa duração. In: CHARTIER, Anne Marie. *Práticas de leitura e escrita: história e atualidade*. Belo Horizonte: Autêntica: CEALE, 2007. p. 21-66. (Coleção Linguagem e Educação).
- CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. *História da Educação*, Pelotas, v. 6, n. 11, p. 5-24, abr. 2002.
- \_\_\_\_\_. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004.
- \_\_\_\_\_. Políticas dos livros escolares no mundo: perspectiva comparada e histórica. *História da Educação*, Pelotas, v. 12, n. 24, p. 9-28, jan./abr. 2008.
- \_\_\_\_\_. O manual escolar: uma falsa evidência histórica. *História da Educação*, Pelotas, v. 13, n. 27, p. 9-75, jan./abr. 2009.
- DARNTON, Robert. O que é a história dos livros? In: DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 109-131.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

DIETRICH, Mara Denise. A cartilha ler a jato e o método audiofonográfico da professora Gilda de Freitas Tomatis (anos 60). 2011. 95 f. Projeto de Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

FACIN, Helenara Plaszewski. *Histórias e memórias da professora e autora de livros didáticos Nelly Cunha* (1920-1999). 2008. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.

FERREIRA, Darlise Nunes. *A alfabetização antes e depois da implantação do ensino fundamental de nove anos em Jaguarão, RS*. 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Arthur Joviano: um estudo sobre as relações entre autor, estado, editoras, usuários e sobre o método de palavras em Minas Gerais, no início do século XX. In: SCHWARTZ, Cleonara; PERES, Eliane; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. (Org.). *Estudos de história da alfabetização e da leitura na escola*. Vitória: EDUFES, 2010a. v. 1. p. 209-252.

\_\_\_\_\_. Livros para ensinar a ler e escrever: uma pequena análise da visualidade de livros produzidos no Brasil, em Portugal e na França, entre os séculos XIX e XX. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010b. p.171-190.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira (Org.). *História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros* (MG, RS, MT, séculos XIX e XX). Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006.

GALVÃO, Ana Maria; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Manuais escolares e pesquisa em história. In: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thaís Nívia Lima e. *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 161-188.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GVIRTZ, Silvina. *El discurso escolar através de los cuadernos de clase*. Buenos Aires: Editorial Universitária de Buenos Aires, 1999.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – séculos XIX e XX). *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, n. 1, p. 115- 141, jan./jun. 2001.

LAPUENTE, Janaína Soares Martins. *O “Método da Abelbinba” em Pelotas: contribuições à história da alfabetização (1965-2007)*. 2008. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Ed. UNICAMP, 1996.

LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novas abordagens*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995a.

\_\_\_\_\_. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995b.

- \_\_\_\_\_. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995c.
- LIMA, Gisele Ramos. *O ensino da escrita visto através dos diários de classe de professoras alfabetizadoras*. 2011. 32 f. Projeto de Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.
- MACIEL, Francisca Izabel Pereira. História da alfabetização: perspectivas de análise. In: FONSECA, Thais Nívia de Lima; FONSECA, Cynthia Greice Veiga (Org.). *História e historiografia da educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 227-252.
- MARROU, Henri. *Do conhecimento histórico*. 4. ed. Lisboa: Editorial Áster; São Paulo: Martins Fontes, 1975.
- MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.
- MUNAKATA, Kazumi. Livro didático: produção e leituras. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado de Letras: ALB; São Paulo: FAPESP, 1999. p. 577-595.
- NOGUEIRA, Gabriela Medeiros. *A passagem da educação infantil para o 1º ano do ensino fundamental de nove anos em Pelotas, RS*. 2010. 120 f. Projeto de Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.
- PERES, Eliane. “*Templo de Luz*”: os cursos noturnos masculinos de instrução primária da Biblioteca Pública Pelotense, 1875-1915. 1995. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.
- \_\_\_\_\_. Produção e uso de livros de leitura no Rio Grande do Sul: queres ler? e quero ler. *História da Educação*, Pelotas, v. 3, n. 6, p. 89-103, out. 1999.
- \_\_\_\_\_. *Aprendendo formas de ensinar, de pensar e de agir: a escola como oficina da vida: discursos pedagógicos e práticas escolares na escola pública primária gaúcha (1909-1959)*. 2000. 355 f. Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.
- \_\_\_\_\_. A produção e a circulação de cartilhas escolares no Rio Grande do Sul: alguns dados de pesquisa. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira (Org.). *História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/ RS/ MT – Séc. XIX e XX)*. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006a. p. 145-170.
- \_\_\_\_\_. Aspectos da produção didática da professora Cecy Cordeiro Thofhern. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Izabel Pereira. (Org.). *História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG, RS, MT, séculos XIX e XX)*. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006b. p. 171-190.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Memórias de alfabetização*. Pelotas: Seiva Publicações, 2007.
- \_\_\_\_\_. Autoras de obras didáticas e livros para o ensino da leitura produzidos no Rio Grande do Sul: contribuições à história da alfabetização (1950-1970). *Educação Unisinos*, São Leopoldo, v. 12, n. 2, p. 111-121, maio/ago. 2008a.

\_\_\_\_\_. Marcas da infância em cadernos escolares de crianças em processo de alfabetização. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (Org.). *Não me esqueça num canto qualquer*. Rio de Janeiro: Laboratório Educação e Imagem, 2008b. v. 1. p. 1-12.

\_\_\_\_\_. A alfabetização vista através de cadernos escolares (1958-2009). In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 15., 2010, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: UFMG, 2010a. v. 1. p. 1-12. Painel: História da alfabetização e da cultura escrita: perspectivas conceituais e discussão das fontes.

\_\_\_\_\_. “Registros marginais”: escritas de crianças em cadernos de alfabetização. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 8., 2010, São Luís. *Anais...* São Luís: UFMA, 2010b. p. 1-12.

PERES, Eliane; BARUM, Sylvia Tavares. O ditado escolar sob o enfoque histórico: um estudo a partir de cadernos de crianças em processo de alfabetização (1943-2007). In: ENCONTRO DA ASPHE, 14., 2008, Pelotas. *Anais...* Pelotas: UFPel, 2008. v. 1. p. 1-12

PERES, Eliane; FACIN, Helenara P. A produção didática da professora Nelly Cunha e suas contribuições para o ensino da leitura no Rio Grande do Sul (décadas de 1960-1980). In: SCHWARTZ, Cleonara; PERES, Eliane; FRADE, Isabel Cristina A. S. (Org.). *Estudos de história da alfabetização e da leitura na escola*. Vitória EDUFES, 2010. v. 1. p. 137-170.

PERES, Eliane; DIETRICH, Mara Denise. A cartilha Ler a Jato e o método audiofonográfico: uma proposta de alfabetização de uma professora gaúcha para o fim do analfabetismo no país (décadas de 1960-70). In: BARCELOS, Valdo; ANTUNES, Helenise Sangoi (Org.). *Alfabetização, letramento e leitura: territórios formativos*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2010. v. 1. p. 50-68.

PERES, Eliane; TAMBARA, Elomar (Org.). *Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX e XX)*. Pelotas: Seiva: FAPERGS, 2003.

PORTO, Gilceane Caetano. *Divulgação e utilização do Método Global de Contos no Instituto de Educação Assis Brasil (Pelotas, 1940-1970)*. 2005. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2005.

PORTO, Gilceane Caetano. *A constituição da docência alfabetizadora: uma análise a partir dos processos de recontextualização do discurso pedagógico construtivista*. 2009. 148 f. Projeto de Tese (Doutorado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

PORTO, Gilceane Caetano; PERES, Eliane. Concepções e práticas de alfabetização: o que revelam cadernos escolares de crianças?. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32., 2009, Caxambu. Sociedade, cultura e educação: novas regulações?: *Anais...* Caxambu: ANPED, 2009. v. 1. p. 1-15.

RAMIL, Chris de Azevedo. *Aspectos tipográficos em livros didáticos produzidos no Rio Grande do Sul*. 2011. 98 f. Projeto de Dissertação (Mestrado em Educação)–Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

SCHWARTZ, Cleonara; PERES, Eliane; FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva (Org.). *Estudos de história da alfabetização e da leitura na escola*. Vitória: Ed. UFES, 2010.

SOARES, Magda. Apresentação. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; MACIEL, Francisca Isabel Pereira (Org.). *História da alfabetização: produção, difusão e circulação de livros (MG/RS/MT - Séc. XIX e XX)*. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2006. p. 07-09.

SOARES, Magda Becker; MACIEL, Francisca Izabel Pereira. *Alfabetização*. Brasília, DF: MEC/INEP/COMPED, 2000. (Série Estado do Conhecimento - n. 1)

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. Tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília, DF: Ed. UNB, 1982.

VIÑAO, Antonio. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio. *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008. p. 69-90.

## APÊNDICE A - CARTILHAS PRODUZIDAS NO RIO GRANDE DO SUL

TÍTULO	AUTOR	EDITORA/Cidade	EDIÇÃO	ANO
1. <i>Cartilha Mestre</i> – Para aprender a ler com rapidez ou Primeiro Livro de Leitura (Genuíno Método João de Deus)	Samorim Gustavo de Andrade	n/c Porto Alegre	12ª	1919 1913
2. <i>Cartilha Samorim</i> – Recreativa e Instructiva	Samorim Gustavo de Andrade	n/c Porto Alegre	n/c	1921
3. <i>Cartilha Maternal ou Arte de Leitura</i> – Methodo João de Deus	Por um professor	Livraria Selbach Porto Alegre	n/c	n/c
4. <i>Segundo Livro de Leitura</i> – Em continuação da <i>Cartilha Maternal pelo Methodo João de Deus</i>	Por um professor	Livraria Selbach Porto Alegre	6ª	n/c
5. <i>Primeiro Livro de Leitura Queres Ler?</i> Novo Método Directo de Leitura- Escripura corrente e Orthographia Usual.	Olga Acaun & Branca Diva Pereira de Souza	Livraria Selbach Porto Alegre	5ª 30ª	1935 s/d
6. <i>Quero ler</i> – Primeiro livro de leitura – Ensino global da leitura e escrita pelo método visual-ideológico	Branca Diva Pereira de Souza	Livraria Selbach Porto Alegre	3ª	n/c
7. <i>Horas Alegres</i> 1º livro de leitura	Otto A. Goeri	Casa Publicadora Concórdia S.A. Porto Alegre	2ª	n/n
8. <i>O Meu Livro</i>	Selma Simch de Campos	Editora Globo Porto Alegre	n/c 3ª	1938 1946
9. <i>Exercícios de Linguagem, Matemática e Estudos Sociais</i>	Nicolina Basile de Vargas	Livraria Selbach Porto Alegre	2ª	n/c
10. <i>Meu Ideal</i>	Nicolina Basile de Vargas	Livraria Selbach Porto Alegre	2ª 18ª	n/c n/c
11. <i>A cartilha de Zé Toquinho</i>	Odila Barros Xavier	Editora Globo Porto Alegre	3ª	1948
12. <i>Ler a Jato</i>	Gilda de Freitas Tomatis	Editora Tomatis Porto Alegre	13ª	n/c
13. <i>Sarita e seus amiguinhos</i>	Cecy Cordeiro Thofehrn & Jandira Cárdias Szechir	Editora do Brasil São Paulo	26ª	1957
14. <i>Marcelo, Vera e Faísca</i> – Cartilha <i>Marcelo, Vera e Faísca</i> – Manual do Professor	Norma Menezes de Oliveira e outras	Edições Tabajara Porto Alegre	2ª (2 ex) 5ª 3ª (2 ex)	1962 1970 1967
15. <i>Estrada Iluminada</i> - Bichano e Zumbi	Cecy Cordeiro Thofehrn & Nelly Cunha	Editora do Brasil São Paulo	14ª	1962
16. <i>Cartilha do Guri</i> - Método de palavras geradoras	Elbio N. Gonzalez; Rosa M. Ruschel & Flavia E. Braun	Edições Tabajara Porto Alegre	7ª	1965

## ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL

17. <i>As férias com vovô</i> -Pré-livro <i>As férias com vovô</i> – Manual do professor	Angélica Serena Otto Beyer	Edições Tabajara Porto Alegre	3ª 6ª n/c	1967 1968 1966
18. <i>Céu Azul</i> – Pré-livro	Rosa M. Ruschel & Flavia E. Braun	Edições Tabajara Porto Alegre	1ª	1970
19. <i>Juca e Zazá</i> - Cartilha	Eloah Ribeiro Kunz	Editora do Brasil	n/c	n/c
20. <i>Viva o Circo</i> . Pré-livro <i>Viva o Circo</i> Pré livro e Caderno de Exercícios <i>Viva o Circo</i> - Manual do Professor	Teresa Iara Palmini Fabreti & Zélia Maria Sequeira de Carvalho	Editora Globo Porto Alegre	n/c 2ª ed n/c	n/c 1973 1971
21. <i>Alegria Alegria</i> – Pré-livro <i>Alegria, Alegria</i> –1ªsérie Leitura Intermediária	Nelly Cunha, Teresa Iara Palmini Fabreti & Zélia Maria Sequeira de Carvalho	Editora Globo Porto Alegre	n/c n/c n/c	1973 1973 1973
22. <i>Nossa Terra Nossa Gente</i> Pré livro	Nelly Cunha & Cecy Cordeiro Thofehrn	Editora do Brasil São Paulo	n/c	1974
23. <i>Tapete Verde</i> Livro Integrado – 1ª série	Nelly Cunha & Teresa Iara Palmini Fabreti	Editora Globo Porto Alegre	n/c	1976
24. <i>Tempo Presente. A Escola da Bicharada</i> - 1ª série	Iara Thofehrn Coelho & Nelly Cunha	Editora do Brasil São Paulo	n/c	1977

Fonte: Acervo do grupo de pesquisa HISALES – FAE/UFPEL.